

## ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Rosângela Torres da Silva

### 1- A Questão do Tema e uma breve introdução

A escolha do tema surgiu de um desejo pessoal e profissional de analisar as origens sociais do pensamento, as influências que as Instituições, entendidas como um agrupamento social que recebe a validade e legitimidade de seus membros integrantes, exerce sob a forma de pensar e agir dos indivíduos que defendem a tal individualidade de pensamento. Dentre as várias instituições sociais que atuam neste sentido, escolhemos a Igreja como objeto de análise para o entendimento da formação social do pensamento, partindo da sua atuação em um micro espaço, a cidade de Além Paraíba, expandindo-o para alcançar estas influências refletidas na sociedade brasileira, identificando o que poderíamos chamar de universo do pensamento cristão.

Investigar este espaço, historicamente construído e, visivelmente expandido pela fé em deus e nos homens de batina, compõe o tema de nossos estudos, que se desdobra no entendimento da apropriação do pensamento e da memória pública e na elaboração dos mecanismos utilizados para conseguir tal controle e unidade de pensamento.

Descrever a dinâmica das transformações que se operou no espaço religioso, voltado ao sagrado, em íntima correlação com o espaço político, tradicionalmente ligado ao profano e as mundanas relações de poder entre os homens, torna-se necessário para entender e analisar este novo espaço, onde o religioso e o profano se entrelaçam, estabelecendo novas relações de poder, consagrando as velhas elites que se mantêm hegemônicas, mesmo com o advento da modernidade, através de um Brasil arcaico que, teimosamente, conserva latente as velhas estruturas de dominação.

As balizas temporais da pesquisa ( 1877-1934) se deve a existência de um manuscrito datado de 24 de Agosto de 1877, pertencente a Irmandade do Santíssimo, ainda presente em nossa cidade, relacionando em seu conteúdo os bens patrimoniais desta confraria, que teve seu momento áureo no período do Brasil Colonial e perduraram fortes ainda na época imperial. Sendo esta Irmandade uma das mais

antigas e atuantes nos centros urbanos, entendemos ser de grande importância a investigação de possíveis fontes primárias que possam existir, possibilitando assim, um maior entendimento sobre a atuação desta associação religiosa ( e outras que comprovadamente atuaram em nossa cidade) agregadora da elite local, que ao se apropriar do culto do Santíssimo Sacramento da Eucaristia, conquista além do sagrado um espaço de maior poder e prestígio social.

Contando atualmente com trinta e três membros ( homens e mulheres) , presidente ( cargo vetado às mulheres), secretário e tesoureiro, a Irmandade do Santíssimo sobrevive da contribuição de seus membros e das rendas oriundas das funções administrativas necessárias para a manutenção do cemitério do Santíssimo, origem da própria irmandade, que em 15 de Julho de 1869, viu concretizado o desejo de garantir na morte um espaço de maior dignidade, separado da “gente mais simples”, que encontrava o descanso merecido junto aos seus iguais no cemitério municipal.

O ano de 1934, marca a instalação do Colégio dos Santos Anjos em nossa cidade. Nascida na França, tendo como fundadora Mere Marie Saint-Michel Pouse, a congregação amplia o seu espaço de atuação, chegando ao Brasil em 1893 com o mesmo objetivo que levou à sua fundação na França: educar as jovens da classe média. Isto representou um marco importante em nossa cidade, educando as moças “ bem nascidas” e abrigo mais tarde, um novo tipo de associação religiosa mais vinculada ao clero, as Filhas de Maria, que se diferenciavam das outras Filhas de Maria” congregadas na Igreja Matriz de São José, que seguiam normas mais rígidas e não eram tão bem nascidas assim.

Os limites temporais estabelecidos abrigam em seus intervalos, fatos importantes ligados ao mundo do sagrado e seu reflexo no contexto social e, ainda, fatos mundanos, como a inauguração das oficinas de Além Paraíba, em 1890, uma das maiores do Brasil, formadora de uma classe distinta de operários, gestada pela necessidade de manter nos trilhos, abertos em 1871, os trens de ferro que irão transportar as sacas de café, produzindo uma riqueza que crescia juntamente com a expansão da lavoura pela Zona da Mata.

Esta riqueza concentrada nas mãos das elites agrárias, que graças ao café, manteve sua hegemonia enquanto classe dominante, assistiu confiante a manutenção da mesma estrutura agrária e social que existia no país e que a cultura do o café não alterou: latifúndio patriarcal, aristocracia e escravidão.

Para uma Igreja tão afastada da cristandade romana e tão dependente da ajuda financeira do rei, era vital estabelecer vínculos fortes com esta elite, fato registrado por Eduardo Hornaert em História da Igreja no Brasil: primeira época, Período colonial.

(...) só podemos qualificar o padroado como um roubo institucionalizado, pois as riquezas do Brasil só voltaram à sua origem em forma de favor. O favor ( a redízima) é o percurso inverso do roubo (dízimo). O que sai do país em benefício de Portugal volta em termos de doações, privilégios, subsídios, “verbas”, sempre precárias e provisórias, sempre vexatórias (...).

E assim, ocorreu uma estreita ligação entre o clero local e a elite que soube servir e se servir desta instituição, para garantir e ampliar o seu espaço de poder e influência cada vez maior.

Vale destacar a atitude de D. Carloto da Silva Távora ,Vigário de nossa paróquia de 1897 a 1918, que teimou , sem sucesso, em manter separado o espaço consagrado a Deus e o espaço destinado aos homens, em suas eternas disputas pelo poder. Explicava aos amigos que os fiéis estavam de um lado e que a religião devia pairar acima destas competições pessoais.

Ao mudar de atitude, demonstrando preferências por alguns políticos da cidade, e receber críticas em função disto, forneceu a seguinte explicação, registrada num jornal comemorativo dos 100 anos de Emancipação Política da cidade.

“Na luta que travara em defesa do patrimônio da Igreja, sofrera humilhações terríveis, pressões fortíssimas, ameaças perigosas sendo que a tudo resistiu para fazer prevalecer os direitos da Igreja”.

(Jornal Agora, Edição Especial, Ano IV, Nº 172, 02 de Outubro de 1983)

A luta a que se refere o vigário provinha da defesa que realizava em prol das tais “terras dos santos”, pertencentes à Igreja, que sofria com a invasão permanente de

alguns moradores antigos, que devido a falta de comprovantes iam se apoderando das terras pertencentes à Igreja, julgando-se os legítimos donos, fazendo construções; uma vez que os vigários anteriores não quiseram reagir.

Há indícios da vitória deste vigário, através do pronunciamento favorável à Igreja feito pelo Tribunal do Estado e, sem dúvida, foi de grande importância a adesão a esta causa dos novos aliados políticos feitos por D.Carloto, porém, a resistência em manter distintos os espaços consagrados a Deus e aos homens, foi definitivamente vencida por questões terrenas.

É interessante observar que muitos integrantes desta elite local, ao ingressarem nas Irmandades Religiosas e se projetarem como os guardiões do sagrado, incorporaram esta nova identidade, ganhando assim uma aura especial. No inverso disto, teremos a Igreja se tornando proprietária de terras e escravos, aproveitando o domínio do sagrado para se integrar à classe dos proprietários, compartilhando com estes a natureza nada sagrada da exploração do trabalho dos negros.

É sabido que os escravos da Igreja ficaram conhecidos como “escravos dos santos”, embora não haja indícios de que existiram em Além Paraíba. A construção da Igreja de São José feita exclusivamente de pedras arredondadas ( inexistente no local) e óleo de baleia, necessitou das mãos pretas dos escravos, gentilmente cedidos pelos grandes proprietários de terras da cidade.

Se não há “escravos dos santos”, existe comprovadamente as “terras dos santos”, de propriedade da Igreja, fato que conferiu a igreja o direito de posse, uso e venda destas terras, contestado por parte da população, tanto no passado, como no presente, como se verifica através desta notícia, dada por um jornal local:

Veste-se um santo e o outro fica nu

Igreja católica de Além Paraíba toma posse dos terrenos da extinta Oficina da Rede Ferroviária Federal, alegando ser proprietária e os vende, dizendo que precisava investir o capital na preservação da Igreja Matriz de São José. Assim, os novos proprietários começam a demolir os prédios que representam o “Patrimônio do Trabalho Operário Alemparaibano.

( “No Tempo de Dantes” – Informativo quinzenal da História de Além Paraíba e Região, Nº 26, Ano II , 31 de Dezembro de 2006)

O termo “fazendeiro” se tornou inapropriado para definir estes novos senhores cuja riqueza, obtida com o plantio do café impunha uma nova postura, mais ativa e condizente com o novo status conquistado. E o grande responsável por esta transformação foi o café. A sua difusão em alta escala, dando origem às propriedades de grande porte, propiciou aos seus donos um enriquecimento antes inconcebível. Novas construções marcarão este tempo de prosperidade, com fachadas extensas, vistosos beirais, cimalthas e escadarias com varandão no topo, estas construções já denotavam opulência e o estilo neo-clássico que se consagraria.

Sobre o inverso desta riqueza vale destacar , a observação feita por José Mauro Pires Silveira, em sua obra, História e Memória no sul da mata: 1872-1898:

“(…) Com isso, pode-se explicar, que o fato da cafeicultura ter sido uma atividade de destaque na região alêm paraibana, ela não permitiu uma distribuição regular das riquezas que produziu, pelo contrário, garantiu uma concentração de capitais nas mãos das elites agrárias, evidenciando a sua hegemonia enquanto classe dominante”.

Divididos pela riqueza e pelo status diferenciado que ocupavam no âmbito social, pobres e ricos comungavam o mesmo espaço: o sagrado. Através das Irmandades que detinham o manuseio do simbólico, dos rituais e até mesmo do culto dos seus santos em especial, reservava aos seus membros integrantes, funções que dignificavam e projetavam tais elementos no âmbito social.

É o que podemos observar ao analisar alguns documentos e “ouvir” a narrativa de pessoas sobre este assunto. É certo que a Irmandade do Santíssimo congregava a elite desta cidade e, se na maioria dos casos a origem e finalidade específica da confraria seria a promoção da devoção a um santo e o comprometimento de seus fiéis devotos de manter o seu culto e promover a sua festa, em nosso caso, a irmandade se forma do interesse desta elite local em promover a construção de um cemitério particular mantendo depois da morte a separação que em vida distinguia claramente ricos de pobres. Em função deste fato tão mundano nasceu a Irmandade do Santíssimo,

integrada pelos grandes senhores da região. A eles competia a promoção e organização da procissão do Corpo de Deus, a maior procissão celebrada durante o ano, designada também como procissão do Triunfo Eucarístico.

Os irmãos do Santíssimo vestiam roupa vermelha durante o serviço do culto. Os irmãos de opa brilhavam as cerimônias e carregavam as tochas nas procissões eucarísticas dentro da igreja, bem como na procissão do Corpo de Deus.

Outra irmandade importante e que durante muito tempo atuou em nossa cidade foi a Irmandade do Rosário, que desde o século XVI, começara a se difundir no Brasil com a finalidade de promover a devoção do rosário de Nossa Senhora. A eles competiam promoverem a festa de Nossa Senhora do Rosário, celebrada geralmente no primeiro domingo de outubro. Rezavam o terço na rua com uma procissão mensal ou semanal seguindo todos atrás do painel do terço. Era constituída por homens e mulheres mais simples, gente do povo que conquistara através da irmandade uma áurea de dignidade que a vida não lhes conferia.

Observamos em nossa pesquisa que esta irmandade, no geral, cada vez mais passaram a ser constituídas exclusivamente pelos negros, ocorrendo uma visível discriminação entre irmandades de brancos e irmandades de pretos.

Este tema foi abordado por Oliveira Torres em História das Idéias religiosas no Brasil: “Funcionavam as irmandade largamente como entidades de classes no melhor sentido do termo. Congregando, ao início, pessoas da mesma cor (havia as irmandades nobres, como a do Carmo, as de homens pretos, como a do Rosário, e uma de São Francisco, para os mulatos), terminaram, onde era possível, servindo de instrumento de ação social.”

Universo amplo para as pesquisas, o estudo das irmandades e sua atuação no âmbito social e religioso no oferece um painel importante de uma sociedade e seus agentes sociais.

Nesse sentido, demarcamos os limites temporais, embora se faça necessário estendê-lo quando determinados fatos ou fontes escaparem de nossas fronteiras mais que possam contribuir para uma melhor compreensão de nosso objeto de trabalho.

## 2- Objetivos:

### Objetivo Geral:

Analisar os espaços de atuação da Igreja Católica no âmbito de uma sociedade intensamente sacralizada investigando o seu legado patrimonial de natureza dupla: tangíveis e intangíveis e a ampliação do mesmo para o terreno profano das relações de poder que consagram as velhas elites e corrompem definitivamente o ideal cristão.

### Objetivos Específicos:

- Perceber as origens sociais do pensamento, o papel desempenhado pelas instituições na construção deste edifício social e o controle que exerceram sobre as mentes dos indivíduos;
- Identificar os caminhos que possibilitaram as elites locais a se apropriarem dos mecanismos de controle e direcionamento destas instituições, ou cargos, ou funções que se desdobrariam em poder e prestígio social;
- Resgatar parte desta memória social onde ela se encontra viva e ativa, no recolhimento de testemunhos daqueles que são os portadores desta memória que se acredita pertencer ao indivíduo mais que compõem e reflete o ambiente social onde foi estruturada;
- Contribuir para o resgate de informações e fontes primárias e secundárias que existem espalhadas e dispersas, se perdendo nas gavetas ou na memória daqueles que ainda podem contribuir para elucidar questões importantes sobre fatos e acontecimentos que povoam o imaginário da população.

Resgatar e resguardar esta memória e fontes de pesquisa se tornou vital para um município que recentemente passou a abrigar um arquivo de memória dos operários da antiga Rede Ferroviária funcionando em anexo ao museu de História e Ciências Naturais, fruto da determinação de pessoas que assistem indignadas ao sepultamento da memória do lugar juntamente com o aniquilamento da antiga estação ferroviária e seus velhos torreões, um bem tombado que está literalmente “tombando”.

### 3- Justificativa/ relevância

Esta pesquisa tem como fundamento a existência de poucos trabalhos sistemáticos que contemplem a questão da memória social em nossa região, de modo a perceber os mecanismos de sua produção e manipulação dentro de um contexto religioso que se amplia e desdobra para um espaço político que tradicionalmente consagra as elites econômicas.

Nesse sentido, a análise do espaço destinado ao sagrado, a pesquisa de seu patrimônio tangível e intangível, nos remete à percepção das diversidades intrínsecas ao processo histórico que aproxima os diferentes agentes sociais entrelaçando-os e conferindo a cada um novas inserções no cenário político, econômico e social.

A relevância deste estudo torna-se evidente na medida em que o mesmo se propõe a revelar como se deu a construção de uma identidade cristã tão presente nos depoimentos como a de Eucarina Pereira, 91 anos, solteira, outrora, Filha de Maria do Colégio Santos Anjos, agora ativa participante dos movimentos da Igreja de São José, se lembra perfeitamente do momento das trocas de faixas, que integrava, o ritual desta associação que dignificava com cores diferentes, as “Marias” que se destacassem no pleno desempenho de suas funções. Sua irmã, Haycléia Pereira, 85 anos, solteira e também outrora Filha de Maria, canta em latim as músicas que acompanhavam o momento das trocas das faixas. Perguntadas como mantinham na memória estes fatos, responderam rapidamente:

- Porque ainda somos Filhas de Maria e ninguém esquece daquilo que é.

### 4- Abordagem Teórico-Metodológica

A abordagem do imaginário social, dentro das ciências humanas, ainda é um fenômeno recente. O que antes se ligava a sonhos, ilusões e símbolos, agora se faz acompanhar pelos adjetivos “social” ou “coletivo”. O termo deixa a periferia para ocupar o centro do discurso atual das ciências humanas, onde cada vez mais será utilizado por antropólogos, sociólogos, psicólogos e historiadores, graças ao reconhecimento ou mesmo descoberta das funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva e, em especial no exercício do poder.

Bronishw Baczho indagava a respeito disto:



“Não será que o imaginário coletivo intervém em qualquer exercício do poder e, designadamente, do poder político?”

Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio.”

A partir deste reconhecimento ou descoberta seria permitido um desvendamento de novos ângulos do poder, da sua atuação dentro de um terreno ainda desconhecido, cuja apropriação garantiria a alguns agentes sociais, um maior domínio e distinção que se ampliará da esfera social para o âmbito econômico, político e ideológico.

Contributo importante neste sentido será dado por Kal Marx ao desvendar as origens dos imaginários sociais designadamente às ideologias e as funções que estas desempenham nos grandes conflitos sociais.

Ao elaborar suas idéias sobre a luta de classes, Marx passa necessariamente pelo campo ideológico, demonstrando que a classe dominante faz predominar sua ideologia repassada a classe dominada através das instituições a ela vinculada como o Estado, a Igreja, o Ensino, etc. Segundo Marx, a classe dominada só pode opor-se à classe dominante, produzindo a sua própria ideologia, elemento indispensável da sua tomada de consciência. Sendo que esta ideologia só opera através do irreal, assim, cada classe social e, ao mesmo tempo produtora e prisioneira da sua ideologia.

Com relação ao proletariado, como classe dominada, ele confere uma imagem transparente ( não imagem) liberta de falsas ilusões e de qualquer controle ideológico.

Durkheim põe em relevo a correlação entre as estruturas sociais e os sistemas de representação coletivos, ao examinar o modo como estes fornecem uma instância que assegura o consenso senão a coesão social, esforçando-se para explicar a subordinação do psicológico ao sociológico e na superioridade do fato social sobre o fato individual, produzindo o que chamou de “consciência coletiva”, isto é um fundo de crenças comuns que exprime o sentimento da existência da coletividade.

Os princípios metodológicos de Max Weber e as suas aplicações ao estudo de casos específicos sugerem outras abordagens dos imaginários coletivos.

Para Weber as relações sociais nunca se reduzem aos seus componentes físicos e materiais. O social produz-se através de uma rede de sentidos, de marcos, de referências

simbólicas, por meio dos quais os homens comunicam, se dotam de uma identidade coletiva e designam as suas relações com as instituições políticas, religiosas, sociais, etc.

Fundamental para ilustrar tal abordagem, foi o estudo feito por Weber das relações entre a ética protestante e o espírito do capitalismo ( em *A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo*), mostrando como um sistema de representações religiosas conduziram os atores sociais a um novo comportamento perfeitamente adequado às estruturas econômicas capitalistas.

Como contributo recente e que muito influenciou na estruturação deste trabalho foi dado por Mary Douglas ( em *Como as Instituições Pensam*). Nesta obra, o desvendamento das origens do pensamento e da relação entre as mentes e as instituições, foi fundamental para se entender como a memória pode ser socialmente criada. Os efeitos institucionais da cognição, o conceito de amnésia estrutural, o controle do sagrado e as aplicações em casos específicos vão nos indicando ângulos, até então ocultos, do pensamento humano. Ao nos retirar esta viseira, a visão que alcançamos nos revela a complexidade deste ser portador de uma memória cuidadosamente construída.

Para estudar as origens sociais formadoras do pensamento em nossa região, durante o período considerado ( 1877-1934), buscamos analisar a ligação que se estabeleceu entre a Igreja, como instituição que assumiu um papel determinante na vida e na organização social do nosso município em particular e da sociedade brasileira em geral e a forma de pensamento que predominou soberana em nossa sociedade.

Em função disto far-se-á necessário analisar os “braços” que se estenderam da igreja e atuaram mais próximos à sociedade, como as Associações Religiosas, que por deterem o monopólio do sagrado e serem constituídas pela elite local (e por segmentos populares) em muito influenciaram na forma de pensar e agir de nossa sociedade.

O estudo presente não se limita simplesmente em revisitar um passado longe dos nossos olhos, mas trilhar um caminho novo que envolve o desvendamento do pensamento e o entendimento de como se estruturou o universo das idéias aqui entrelaçado com o universo da religião. Com vista em tal finalidade, documentos importantes como fontes de natureza primária serão analisados, tais como livros de

compromissos de irmandades, livros de registros de batismos, inventários, testamentos, correspondência e outros que ajudem a compor o perfil subjetivo desta sociedade.

Para efeito de pesquisa e comprovação de dados será dada especial atenção ao registro da memória viva em nossa cidade, através de depoimentos colhidos e devidamente organizados que em muito contribuirá para a análise do pensamento que se fixou na “superfície da memória” e que determinou o ideário e as ações destas pessoas que refletem o conjunto social onde estão inseridas.

Utilizaremos também fontes secundárias de informações como livros e teses que colaborem para a elucidação das questões propostas bem como estudos generalizados sobre os imaginários sociais como lugar de expressão das expectativas e aspirações populares, mas também como o lugar de consagração de um poder que soube conjugar o simbólico e o real no mesmo espaço e que possam colaborar na montagem de um aparato técnico-metodológico para a elaboração de nossa análise.

Inicialmente o trabalho contará com três capítulos. No primeiro abordaremos a atuação da igreja em nossa região, a ação do clero, os seus mecanismos de atuação na sociedade e a composição de uma identidade e de um pensamento nitidamente cristão.

No segundo capítulo, será analisado a relação entre a Igreja e o Estado Português, compreendido mediante o entendimento do Padroado no Brasil que se apresenta como algo original e peculiar que transformou o rei de Portugal no Chefe Maior da nossa igreja, criando assim um “Padroado Colonial”. Neste capítulo abordaremos a ligação que se estabeleceu entre a Igreja ( e as associações religiosas) e o poder local e as implicações desta aliança ( ou subordinação da Igreja) na sociedade em geral.

O terceiro capítulo será dedicado ao resgate da memória viva da nossa cidade, como testemunho, até agora esquecido, de um passado que ainda ecoa em nossas mentes e por isto, se faz presente e garante a sua perpetuidade num futuro não tão distante assim.

##### 5- Linha de Pesquisa

A inserção de nosso trabalho na linha de pesquisa no programa de pós-graduação em Memória e Patrimônio desta Universidade, deve-se ao fato de que ele aborda a questão do Patrimônio em suas múltiplas dimensões e conexões, sendo a Igreja, o objeto

central de nossa pesquisa, vista como um patrimônio que abriga e controla bens tangíveis que além das várias Igrejas construídas nos morros da cidade ( cinco no total, sem contar as muitas capelas), contam ainda com imagens de santos, objetos de culto, livros de compromissos das irmandades, livros de registros de nascimentos, livros de memória ( Libri Memoriales), controle sobre os lugares de sepultamento ( dos pobres e dos “santíssimos”), relíquias sagradas, entre outras, e também os bens de caráter intangíveis como as festas dos santos e dos mortos, das comemorações litúrgicas, dos cantos, dos valores morais, ou seja, de uma tradição histórica formadora de uma memória essencialmente cristã. E sendo a memória, o ponto fundamental do ensino cristão o seu culto se fará através das inúmeras comemorações tão comum a ele o que levará a nossa pesquisa a trilhar este novo sentido de patrimonialização e entender as novas dimensões que o espaço religioso assumirá extrapolando os limites tradicionalmente concedidos a ele.

#### 6- Cronograma de Execução:

	Atividades	Datas Limites
01	Cumprimento dos Créditos	1º e 2º semestre de 2010
02	Coleta dos depoimentos de história oral e transcrição	Março a Outubro de 2010
03	Acervo em cópia fotográfica da documentação	Março a Julho de 2010
04	Redação do texto de qualificação	Agosto de 2010 a janeiro de 2011
05	Qualificação	Março de 2011
06	Redação da dissertação	Abril a Dezembro de 2011
07	Defesa	Março de 2012

Referências Bibliográficas:

BOSEHI, CAIO C. As Diretrizes Metropolitanas, a realidade colonial e as irmandades mineiras. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte nº65, Julho 1987.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Considerações sobre a pompa fúnebre na Capitania das minas, o século XVIII. *Revista do Departamento de História*, Belo Horizonte, nº4, FAFICH/Junho, 1987.

CASTRO, Celso Falabella de F. “Os Sertões do Leste”. In: *Revista do Instituto histórico e geográfico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1988.

GOUGLAS, Mary. *Como as Instituições Pensam* ( Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura) São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

HORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, período colonial*, Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

MATTOS, Egberto. *Além Paraíba na História da Capitania de Minas Gerais*. Rio de Janeiro. Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1983.

MATOS, Henrique Cristiano José. *História mínima da igreja no Brasil*. Belo Horizonte, Editora o Lutador, 2002.

NORA, P. Entre Memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo, *Projeto História – Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História*. V. 10, 1993.

LIMA, Maurilio Cesar de. *Breve História da Igreja no Brasil*. São Paulo, Edição Loyola, 2004.

SILVEIRA, José Mauro Pires. *A estrada de ferro Leopoldina. História e Memória no sul da mata: 1872 a 1898*. Minas Gerais. Editora Associada Ltda, 2005.

*Revista Comemorativa dos 109 anos de emancipação política de Além Paraíba*, nº 1, 1992.

*Revista da congregação dos Santos Anjos*, Edições C2L/Sadifa, 4 trimestre. 1986.

*Jornal Agora*, ano IV, nº172 ( Além Paraíba, 2 de Outubro 1983)

Mauro Luiz Senra Fernandes: *Informativo Quinzenal da História de Além Paraíba e Região: “No tempo de Dantes”*, nº23, ano I, 05 de novembro de 2006.

\_\_\_\_\_ : *Informativo Quinzenal da História de Além Paraíba e Região: “No tempo de Dantes”*, nº26, ano II, 31 de dezembro de 2006.